

Utilização das Áreas de Manguezais em Taipús de dentro (Maraú, Sul da Bahia) *

The use of mangrove areas in Taipu de Dentro (Maraú, Southern Bahia, Brazil)

Ricardo O'Reilly Vasques ^{@,1,2}, William Cristiane Teles Tonini ¹, Juan Martín Cuevas ¹,
Danielle Félix Santos ², Talitha Araújo Faria ¹, Fábio de Carvalho Falcão ¹, Daniel dos Reis Simões ¹,
Renata Lúcia Guedes Batista ², Erminda da Conceição Guerreiro Couto ¹

RESUMO

A utilização de áreas de manguezais e de seus recursos é uma prática comum que sustenta inúmeras populações costeiras. No Brasil muitas delas estão sendo estudadas nos seus aspectos sócio-ambientais, entretanto, poucas pesquisas foram realizadas no litoral sul baiano. O objetivo deste trabalho foi caracterizar a utilização dos manguezais por parte dos moradores de Taipús de Dentro, enfocando aspectos relacionados à sobrevivência e exploração. Um total de 38 famílias foi entrevistado, aleatoriamente, no mês de outubro de 2003. As áreas de manguezal são utilizadas para moradia, sendo 90% das casas de alvenaria, despejo de lixo doméstico (92%) e instalação de fossas (80%). Foi constatado que 84% dos entrevistados exploram algum recurso do mangue, sendo que cerca de 69% destes, catam e pescam. Dentre os que catam caranguejos, 45% exercem esta atividade somente o período da andada. Para as artes de pesca, o manzuá foi o apetrecho mais mencionado (42%). Com relação aos recursos faunísticos, foi registrada a coleta de crustáceos, sendo o caranguejo o mais explorado (68%), de moluscos, onde a ostra representou 26% e a pesca de 11 tipos de peixes. Foi registrada a exploração da madeira, especialmente para a construção de residências. Foi observado que a exploração dessas áreas é realizada de forma oportunística, como modo de complementação ou substituição de renda.

Palavras-chave: Exploração dos recursos, caranguejo-uçá, lixo doméstico, Baía de Camamu

ABSTRACT

The use of mangrove areas and their resources is a common practice that maintains a lot of coastal populations. Today in Brazil, these populations are being studied in a social and ecological way, however few researches have been made in the South of the Bahia State. The purpose of this work was to describe the use of the mangrove by the Taipús de Dentro's residents focusing on survival and exploration aspects. A total of 38 families were interviewed, randomly in October 2003. The mangrove areas are used for building houses, dumping of household waste (92%) and installation of septic tanks (80%). The 90% of the interviewed live in masonry houses. The 84% of the people interviewed explore at least one kind of the mangrove resources. Approximately 69% of these fish and catch animals. Among those who catch crabs, 45% are engaged in this activity only during the reproductive season. Between the fishing tools, the manzuá was the most mentioned (42%). The crustacean and mollusc catch was registered. Mangrove crab was the most explored crustacean (68%), while oyster (26%) was between the mollusks. The fishing for eleven kinds of fishes and the wood exploration was mention too. The exploration of those areas is carried out in an opportunistic way, as a complementing or replacing income.

Keywords: resource exploration, uçá crab, domestic trash deposition, Camamu Bay.

@ - Autor correspondente / corresponding author: rickvasques@yahoo.com.br

1 - Universidade Estadual de Santa Cruz, Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Rodovia Ilhéus, Itabuna, km 16, CEP 45.662-000, Ilhéus, BA, Brasil

2 - Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Ciências Biológicas, Rodovia Ilhéus Itabuna, km 16, CEP 45.662-000, Ilhéus, BA, Brasil

1. INTRODUÇÃO

Os manguezais são ecossistemas costeiros situados na interface entre os ecossistemas terrestres e marinhos. De maneira geral estão situados em áreas costeiras abrigadas (como estuários, baías e lagunas) de regiões tropicais e subtropicais (Alongi, 2002). Foram considerados, desde a década de 1970, como ecossistemas altamente produtivos, que contribuíam significativamente para fertilidade das águas costeiras devido à produção e exportação matéria orgânica para as áreas adjacentes (Odum & Heald, 1972; Day Jr. *et al.*, 1987; Alongi, 2002). As áreas dos manguezais são, portanto, de extrema importância para as populações ribeirinhas, uma vez que delas provém boa parte das proteínas de origem animal, tão essenciais para a sua subsistência. No entanto, este ecossistema apresenta um frágil equilíbrio o qual lhe confere uma baixa resistência, sendo assim fortemente modificado por ações antrópicas (Dahdouh-Guebas *et al.*, 2004; Hernández-Cornejo *et al.*, 2005).

Os manguezais são muitas vezes considerados “terras improdutivas”, de pouco ou nenhum valor. Tal fato está associado ao desconhecimento da variedade de bens e serviços fornecidos por este ecossistema. As áreas de manguezal podem ser uma ótima opção para o turismo ecológico, práticas de educação ambiental, apicultura, aquíicultura, entre outros usos, além de exercer a função de “berçário” de várias espécies vegetais e animais. São ainda uma rica fonte de vários outros produtos como remédios, álcool, adoçantes, óleos, tanino e outros produtos de origem vegetal, empregados na cura de várias doenças (Constanza *et al.*, 1997; Kaplowitz, 2001).

A concentração demográfica na zona costeira, e sua forma caótica de organização, fazem do ecossistema manguezal um dos mais pressionados pela ação antrópica. Mesmo com uma vasta legislação nas mais variadas escalas do poder, as quais estabelecem o manguezal como área de proteção permanente (APP) e dos esforços para o uso racional do meio, como o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro Integrado (PNGC, 1990), é comum observar em áreas de manguezal práticas supressivas, como o corte e aterro da vegetação, lançamento de efluentes e resíduos domésticos e industriais, eutrofização, entre outros.

Essa postura ainda é possível devido à falta de conhecimento por parte da população da importância dos manguezais e das leis que protegem esse ecossistema, pelo descaso do poder público e órgãos não governamentais no cumprimento da legislação vigente, pelo aspecto visual do manguezal, historicamente tido como um lugar inóspito, e até mesmo pela falta de estudos locais que contribuam para uma discussão sobre o uso desse espaço.

A destruição deste sistema atinge fundamentalmente os pescadores que praticam a pesca de subsistência (sub-mercantil), englobando os coletores de caranguejos e de moluscos, além dos pescadores de peixe de estuário, detentores de pequenas embarcações (Hernández-Cornejo *et al.*, 2005).

Entre os bens associados aos manguezais do Sul da Bahia, destacam-se os recursos pesqueiros (Fieldman, 2001). O uso destes é realizado, basicamente, por dois grupos de pessoas: um formado por aqueles que desenvolvem atividades de pesca como profissão e, o outro, composto por aqueles que encontram nessa atividade fonte alternativa de subsistência, porém de importância significativa. Peixes, crustáceos e moluscos são capturados por meio de diversas artes de pesca. No que diz respeito à utilização de recursos florestais, apesar de se constituir em prática ilegal, a madeira retirada do mangue é utilizada na construção de casas em áreas de

manguezal aterradas, sendo *Laguncularia racemosa* a espécie mais utilizada (Vasconcelos, 2008).

No caso específico da atividade pesqueira, os impactos ambientais mais relevantes são devido ao uso de tecnologias inadequadas, ocasionando a diminuição dos recursos pesqueiros, principalmente do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*).

A principal atividade no Município de Maraú é a pesca de subsistência, realizada de forma artesanal. Não existe uma associação de pescadores ou catadores. Não há assistência técnica, acesso a materiais de pesca, assistência médico-hospitalar e social, beneficiamento com condições de higiene adequadas, entreposto e escoamento de venda. Isto deixa os pescadores sempre dependentes da intermediação (Bahiatursa, 2000).

O objetivo deste trabalho é caracterizar a utilização das áreas de manguezal pela comunidade de Taipús de Dentro, enfocando aspectos da exploração de seus recursos vegetais e animais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a caracterização da comunidade de Taipús de Dentro, quanto aos aspectos sócio-ambientais e quanto ao uso das áreas de manguezal em seu entorno, foram realizadas entrevistas padronizadas através de abordagem informal e aleatória. Estas entrevistas procuraram padronizar informações sobre a forma de ocupação da área (realização de derrubada de vegetação e aterro, p.ex.), o tipo de construção das residências, os cuidados com o ambiente (incluindo o destino dado ao lixo e aos efluentes domésticos), as atividades econômicas realizadas e a exploração dos recursos do manguezal (o que é explorado, com qual periodicidade e com que fim).

Um total de 38 famílias residentes foi entrevistado no período de 10 a 17 de outubro de 2003. A coleta dos dados foi realizada de forma quali-quantitativa, relacionando aspectos sociais com as atividades de subsistência e exploração dos recursos do manguezal local. Visitas ao manguezal, guiadas por membros da comunidade, foram realizadas para acompanhamento das atividades de extração de recursos. Foram ainda visitadas as residências dos entrevistados para visualização de quaisquer outros fatores que pudessem ser importantes na compreensão e interpretação dos dados. Todas as espécies citadas pelos moradores foram coletadas e identificadas até o menor nível taxonômico possível com auxílio de chaves apropriadas.

Todas as informações obtidas nas entrevistas foram tabuladas e analisadas. Uma lista das principais espécies exploradas pela comunidade foi produzida a partir do cruzamento dos dados disponibilizados nos questionários aplicados e da observação dos recursos presentes. As espécies foram identificadas com auxílio de literatura específica.

2.1 Área de estudo

A Baía de Camamú esta localizada na faixa marítima costeira denominada litoral sul baiano, possuindo uma extensa área de manguezais bem desenvolvidos e ainda pouco explorados (Paixão *et al.*, 2010). A sua população, particularmente pescadores e marisqueiros, se caracteriza pela elevada dependência dos recursos naturais.

O Município de Maraú, inserido na Baía de Camamú, possui uma área de manguezal de 37,6km², sendo 18,8km² de floresta e 18,7km² de apicum (Fig.1). Apesar de aparentemente bem preservada, apresenta áreas de aterro,

desmatamento e despejo de resíduos (Bahiatursa, 2000).

Os manguezais de Taipús de Dentro são caracterizados por árvores de médio porte (3m), sendo *Rhizophora mangle* e *Laguncularia racemosa* as espécies dominantes. Apicuns ocorrem com frequência no contorno dos manguezais existentes no Rio Taipús e entre a Ilha de Campinho e a Península de Marau. Uma grande área localiza-se às margens da estrada que leva ao povoado de Taipús de Dentro (Bahiatursa, 2000).

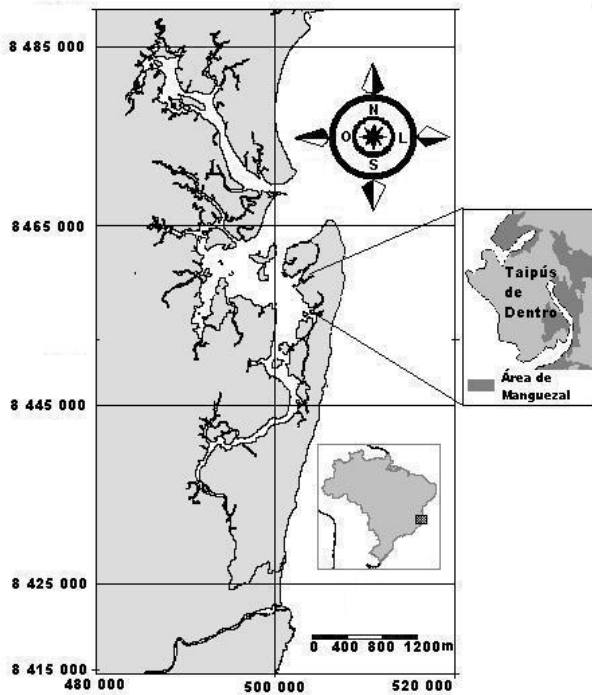


Figura 1. Localização da comunidade de Taipús de Dentro na península de Marau.

Figure 1. Community of Taipús de Dentro location in Marau Peninsula

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade está estabelecida sobre área de substrato arenoso, acima do nível mais alto alcançado pelas marés, não tendo ocorrido derrubada e aterro do manguezal adjacente para construção de residências. Apenas 10% das residências foram construídas de pau-a-pique ou de madeira. A construção em alvenaria domina a feição deste povoado. A água usada pela população é retirada do lençol freático e falta durante o verão. Não há rede de esgotamento sanitário, entretanto, 80% das residências possuem fossas sanitárias, geralmente situadas no quintal. O restante das casas despeja seus esgotos diretamente no manguezal. Inexiste efetivo atendimento médico e o transporte entre os povoados é insuficiente e deficitário - não existe ônibus, o principal meio de transporte é o barco. Existe coleta de lixo, porém apenas 8% dos entrevistados utilizam este serviço oferecido pela administração. O lixo é abandonado no ambiente em 50% dos casos. O restante (42%) declarou que o queima e/ou enterra no quintal, geralmente localizados no mangue, o que sugere um descaso com este ambiente.

Em função do baixo grau de escolaridade (32% da população é analfabeta e apenas 8% concluiu o segundo grau) há pouca perspectiva de obtenção de empregos formais.

A maior parte dos entrevistados (76%) declarou viver de empregos temporários ofertados durante o verão, da extração de animais do manguezal e da pesca de subsistência realizada nas águas rasas próximas.

A obtenção de recursos naturais nas áreas de manguezal foi assumida por 84% dos entrevistados (Fig. 2), sendo utilizados recursos tanto de origem animal quanto vegetal – sendo este basicamente a madeira do mangue branco (*Avicennia schaueriana*) e do amarelo (*Laguncularia racemosa*) para construção de residências. Entretanto, segundo relatório da Bahiatursa (2000), o corte de espécies de mangue para lenha é uma constante na comunidade de Taipús de Dentro. Seus moradores, mesmo tendo conhecimento da proibição, mantém a prática.

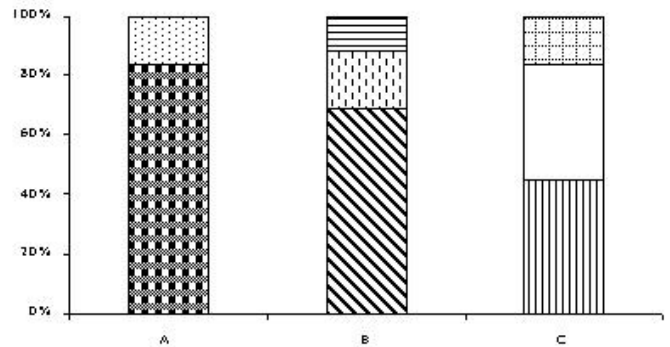


Figura 2. Comparação entre as diferentes formas de exploração dos manguezais.

A – Exploração dos recursos naturais do mangue

□ Não exploram nenhum tipo de recurso natural

▣ Exploram algum tipo de recurso natural

B – Formas de exploração dos recursos faunísticos

▤ Utilizam somente a catação

▥ Utilizam somente a pesca

▦ Utilizam a catação e a pesca

C – Período da exploração do caranguejo

▧ Fora do período de andada

▨ Durante o ano todo

▩ Somente na andada

Figure 2. Comparison of different forms of exploitation of mangroves.

A - Exploitation of natural resources of the mangrove

□ Do not exploit any natural resource

▣ Explores some kind of natural resource

B - Forms of exploitation of wildlife resources

▤ Use only use scavenging

▥ Use only use fishing

▦ Use scavenging and fishing

C - Period of the crab exploitation

▧ Outside of the "walk period" ("andada")

▨ Throughout the year

▩ Just walked period in

Entre os recursos de origem animal foram citadas diversas espécies de peixes, crustáceos e moluscos, para consumo próprio e/ou para comercialização. Embora em uma baixa frequência, foi registrada a utilização de valvas de moluscos para confecção de objetos artesanais.

Ainda na figura 2B pode-se observar que 69% dos entrevistados catam e pescam os animais, 19% somente pescam e 12% somente catam. Segundo Fieldman (2001), nos manguezais do Sul da Bahia, o uso dos recursos faunísticos é realizado, basicamente, por dois grupos de pessoas: um formado por aqueles que desenvolvem atividades de pesca como profissão e, o outro composto por aqueles que encontram nessa atividade fonte alternativa de subsistência, porém de importância significativa.

O caranguejo verdadeiro ou de mangue (*Ucides cordatus*) e o guaiamum (*Cardisoma guanhumi*) são os principais recursos capturados no manguezal. Na figura 2C podem-se observar os períodos de obtenção dos mesmos. Grande parte dos catadores (45%) utiliza somente o período da andata para catar caranguejos, enquanto 39% catam durante todo o ano e 16% catam apenas fora do período de andata. Este tipo de atividade parece ser comum nas comunidades caiçaras do litoral baiano. Brunet (2006) registrou junto a estudantes de uma escola pública estadual de ensino fundamental da comunidade de Baiacu, na Ilha de Itaparica, que a captura dos caranguejos durante as andadas é algo comum entre os jovens da comunidade. Segundo os entrevistados, as capturas são realizadas devido à relativa facilidade e a maior abundância de caranguejos durante este período. Por outro lado, tal comportamento parece refletir a participação, nesta atividade, de pessoas estranhas à mesma. A falta de “tradição” na arte foi apontada por parte da comunidade (48%) como responsável pelo comportamento irregular de muitos dos catadores. A “catação”, quando realizada neste período, é considerada predatória, pois é esta é a fase de reprodução dessas espécies. Esta atividade parece ser uma alternativa ocupacional dentro da pesca, à qual recorrem os pescadores em tempos de dificuldades. Comparada a outras atividades de pesca mais imprevisíveis, a catação do caranguejo durante as andadas pode ser considerada como uma estratégia de minimização de riscos, dada a pouca sazonalidade do recurso e a ocorrência em locais bem determinados.

A comunidade apresenta uma diversificada utilização das artes de pesca. Isto pode ser observado tanto em relação aos petrechos utilizados quanto ao seu percentual de utilização (Fig 3). Foram citadas sete artes de pesca, sendo que cada pescador utiliza no mínimo duas delas de forma concomitante. O “manzuá” foi o petrecho mais mencionado (42%), seguido da pesca com linha (37%) e da rede comum (29%). O “manzuá” é um tipo de armadilha fixa, confeccionada com varas ou cipós entrelaçados, com uma abertura que permite a entrada, mas não a saída, do organismo a ser capturado. Pode ser “iscada” – quando é colocado um atrator no seu interior, ou “não iscada” quando é colocada na área de pesca sem nenhum atrator. Originalmente desenvolvida para a captura de pitús e outros crustáceos presentes em águas calmas é atualmente empregada na captura de lagostas e algumas espécies de peixes, além dos pitús e siris. Este também é o petrecho mais utilizado pela comunidade de Tanques, próxima a de Taipús de Dentro, sendo responsável por 68% da produção pesqueira local (Pacheco, 2006). Seu grande uso deve-se principalmente pela facilidade de manuseio. Por ser uma armadilha semi-fixa, não exige a presença do pescador. É colocada no local durante a maré baixa e retirada na baixamar seguinte, cerca de doze horas depois. Em Taipús de Dentro é utilizada para captura de crustáceos (principalmente siris e caranguejos), e peixes.

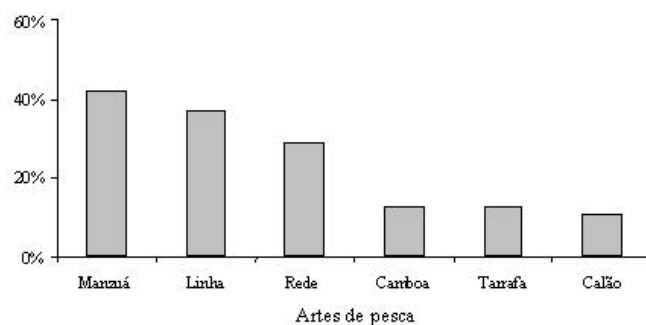


Figura 3. Principais artes de pesca da comunidade de Taipús de Dentro.

Figure 3. Principal fishing in Taipús de Dentro community.

Elemento preocupante foi a citação da utilização de práticas predatórias como explosivos (bombas submersas, para peixes) e veneno (extraído do jaborandi, para catação), sendo o primeiro relacionado às pessoas externas à comunidade, enquanto a segunda, também aos moradores locais. A prática de pesca com bombas nesta região já tinha sido referida para a Ilha de Sapinhos (Oliveira, 2005). A pesca com explosivos, mesmo sendo considerada uma prática ilícita (Lei nº 9.605, de 1998), é bastante difundida nas comunidades pesqueiras do Nordeste. Os efeitos primários sobre a fauna marinha estão relacionados à pressão de explosão e, em alguns casos, aos efeitos químicos dos artefatos utilizados na confecção do explosivo, como nitrobenzeno e cloronitrobenzeno. No caso dos efeitos secundários, a onda de choque é transferida do meio para o corpo do animal, gerando efeitos deletérios à fauna marinha (Ostrensky *et al.*, 2002). Na Baía de Todos os Santos (BTS), esta atividade vem sendo utilizada há muitos anos (Aguiar Jr. & Dias, 2007; Silva & Nascimento, 2009), sendo registradas ocorrências nas localidades de Salvador, Paraguaçu, Maragogipe, Itaparica, Vera Cruz, Salinas da Margarida, São Francisco do Conde, Saubara, Madre de Deus, Ilha de Carapituba, Manguihos, Rio Paraguaçu e Cachoeira (SEMA, 2008). O uso de produtos químicos, como agrotóxicos, tanto para a catação (caranguejo uçá) como na pesca (peixe e camarão), é comum em muitos estados (CEPENE & CEPNOR, 2000). Por exemplo, em Iguape, litoral sul de São Paulo, é comum a introdução de pedras de carbureto no interior das tocas do caranguejo uçá. Além de proibida, esta técnica torna a carne do caranguejo imprópria para consumo (Pinheiro & Fiscarelli, 2001).

Neste estudo não foi registrado uso de agrotóxicos na captura do caranguejo uçá ou do guaiamum. Todos os entrevistados afirmaram utilizar a técnica do “braceamento” e do “tapamento” com materiais do mangue para obtenção dos caranguejos. Entretanto, é importante ressaltar que foi elevada a captura durante o período da “andada” e que foi reportada a intensiva atuação de pessoas sem “tradição” de coleta (desempregados, pessoas fora da comunidade, adolescentes e mulheres) nesta atividade. Uma declaração, não confirmada por outros entrevistados, menciona o uso de água sanitária (despejada diretamente na toca) para captura do caranguejo uçá.

Dentre os principais grupos filéticos utilizados pela comunidade, os crustáceos são os mais explorados (86%). Além destes também são intensamente utilizados os peixes (76%). Moluscos formam um grupo menos expressivo para esta comunidade (34%) (Fig. 4).

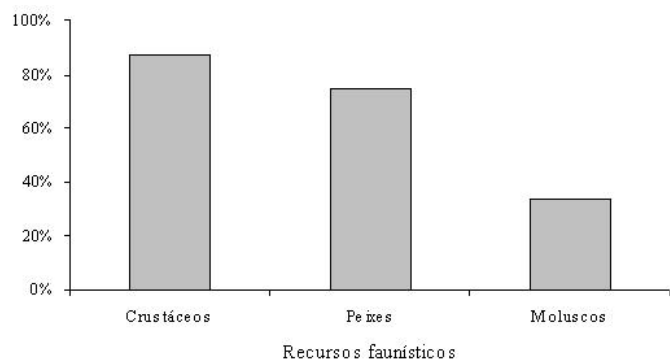


Figura 4. Recursos faunísticos explorados pelos moradores da comunidade de Taipús de Dentro.

Figure 4. faunal resources exploited by the community residents of Taipús de Dentro.

Entre os crustáceos, o recurso mais explorado foi o caranguejo uçá ou verdadeiro (*Ucides cordatus*) (68%), seguido pelo siri (*Callinectes* spp.) (53%), pelo aratu (*Goniopsis cruentata*) e pelo camarão (*Farfantepenaeus* spp) (24% cada).

O caranguejo uçá é o mais valorizado na região, por ser consumido inteiro, ter melhor aceitação e ser fácil de ser conservado. O siri e o aratu são mais consumidos na forma de “catado” (termo localmente utilizado para a carne de siri ou caranguejo após o beneficiamento, o qual consiste na separação da carne e da carapaça). A produção do “catado” exige um número maior de organismos, bem como de mão-de-obra.

O caranguejo-uçá é considerado um recurso pesqueiro de elevado valor sócio-econômico em todo Nordeste. A atividade de captura deste animal contribui para a geração de emprego e renda nas comunidades pesqueiras que vivem nas zonas de estuários, principalmente naquelas onde a pesca é exercida de forma mais primitiva, uma vez que estas encontram mais dificuldades em suprir suas necessidades para subsistência. O método tradicional de captura do caranguejo é conhecido como “braceamento” e consiste na introdução do braço do catador na toca até encontrar o animal. Através do tato e da posição do sol, o catador tem a percepção da posição do mesmo para que o segure de forma correta, não permitindo que o mesmo prenda as garras na lama ou nos dedos do pescador, além de poder retirá-lo do substrato rapidamente e íntegro. Em Canavieiras (sul da Bahia), além desta técnica de coleta, os catadores realizam o “tapamento”, que consiste na obstrução da abertura da toca com raízes e sedimentos para que o caranguejo suba à superfície para a sua reconstrução, facilitando a captura. No entanto, o “Acordo de Pesca de Canavieiras”, instituído na Instrução Normativa nº 83, de 5 de janeiro de 2006, proíbe qualquer tipo de técnica, com exceção do “braceamento”, para a captura do caranguejo-uçá. No município de Caravelas (sul da Bahia), a técnica comumente utilizada é o “gancho”, que consiste em um vergalhão com ponta curvada ou uma haste de madeira com uma alça de vergalhão amarrada na ponta. Os coletores vão introduzindo verticalmente o gancho na lama, sucessivamente, até bater no caranguejo, para depois removê-lo (Schmidt *et al.*, 2006). Na Ilha de Sapinhos é utilizado tanto o “braceamento” como o “tapamento” (Oliveira, 2005).

Neste estudo, não foi registrado o uso da “redinha” para capturar caranguejo, embora tal prática tenha se tornado comum, especialmente, nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e em outros trechos do litoral baiano (CEPENE & CEPNOR, 2000).

A prática da catação do siri e do aratu é geralmente realizada por mulheres e crianças, enquanto que a do caranguejo, pelos homens. A pressão sobre este grupo se intensificou depois da mortalidade de caranguejos nos manguezais (Oliveira, 2005). Na Ilha de Tanque, os siris são utilizados para o preparo do “catado” (Pacheco, 2006), enquanto que na de Sapinhos, os siris são utilizados como iguarias para os turistas. Na comunidade de Taipús de Dentro foram identificadas cinco espécies de siris (*Callinectes bocourti*, *C. danae*, *C. exasperatus*, *C. larvatus* e *C. ornatus*). Aparentemente, *C. danae* e *C. exasperatus* são comercializados inteiros, enquanto os demais são empregados para o “catado” que é voltado para a subsistência familiar. O aratu (*Goniopsis cruentata*) é comercializado como “catado” e consumido pela própria comunidade.

Camarões são pescados dentro da baía de Camamu. A maior parte do produto obtido é composta por juvenis de camarão rosa (*Farfantepenaeus* spp). Alguns pescadores possuem autonomia em seus barcos para pescarem mais próximo à barra da Baía. Estes conseguem incluir na sua produção o camarão sete barbas e o branco, em pequenas quantidades. O principal objetivo desta pesca é a comercialização. Entretanto, em função do pequeno porte do recurso mais capturado (juvenis do camarão rosa) que apresenta baixo valor de mercado e da baixa captura dos adultos de sete barbas, a pesca de camarão tem pequena importância na economia local.

Foram citados pela comunidade 11 tipos de peixes explorados sem ordem de preferência (Tab. I). Estes são utilizados tanto para fins de comercialização quanto para subsistência. No entanto, a baixa quantidade de citações de peixes constatadas nas entrevistas, quando comparadas aos outros grupos, pode estar associada à necessidade de um maior investimento econômico na aquisição dos petrechos de pesca. Nesta comunidade a maior finalidade da obtenção de pescado é a sua venda aos comerciantes locais e das adjacências, embora um grande número tenha declarado que o objetivo final inclui ainda o consumo familiar. Pode-se perceber que a família mais importante para esta comunidade é a Família Lutjaniidae, que inclui a cioba, os vermelhos e as caranhas, com bom valor de mercado, seguida pela Família Centropomidae (robalos).

A prática da catação dos moluscos é geralmente realizada por mulheres e crianças. A ostra (*Crassostrea rhizophora*) foi o recurso mais explorado (26 %), seguido pelo sururu (*Mytella guyanensis*) (24 %), lambreta (*Lucina pectinata*) (13 %) e chimbimbinha (*Tagelus plebeius*) (8 %). A ostra foi a única espécie da epifauna local explorada comercialmente, sendo retirada das árvores do mangue, enquanto que os todos os outros são representantes da infauna, coletados principalmente nas áreas lamosas.

A exploração dos recursos existentes no manguezal é regida pelas necessidades assumidas pela comunidade. Recursos vegetais são extraídos, mesmo havendo o conhecimento de sua ilegalidade, para atender as demandas de construção e reforma das casas. A exploração dos recursos faunísticos é, possivelmente, regida pelo seu valor de mercado, sendo deste modo, os produtos mais valorizados os mais procurados pela comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação da comunidade de Taipús de Fora com o manguezal em seu entorno pode ser caracterizada como uma relação de exploração direta. A maioria das residências tem seu “quintal” ou “área de uso da casa” instalado dentro do manguezal e nele são depositados os resíduos sólidos (enterrados, queimados ou abandonados) e os efluentes domésticos. Essa postura evidencia a visão de “área de depósito” ou “área sem serventia” atribuída ao sistema.

Uma fração significativa da comunidade (> ¾) vive da extração de vegetais e animais do manguezal e da pesca de subsistência realizada nas águas rasas próximas.

Entre os recursos de origem vegetal destaca-se a extração de madeira para construção e reparo de residências, muito embora esta seja uma prática proibida.

O uso dos recursos faunísticos é realizado, basicamente, por dois grupos de pessoas: um formado por aqueles que desenvolvem atividades de coleta e pesca como profissão e que tem nelas a sua “tradição”, e um outro composto por aqueles que encontram nessa atividade fonte alternativa de subsistência, porém de importância significativa.

Crustáceos são os organismos mais explorados, seguidos pelos peixes e moluscos.

O caranguejo uçá (*Ucides cordatus*) é o principal recurso capturado no manguezal. Nesta atividade fica evidenciada a divisão entre os catadores tradicionais e os catadores por “oportunidade”. Os tradicionais atuam em práticas classificadas como não predatórias e autorizadas: coleta por “braceamento” e, em menor escala, por “tapamento”, respeitando os períodos estabelecidos por lei para a captura. Os catadores por “oportunidade” coletam indiscriminadamente ao longo do ano (inclusive durante a “andada”) e desconhecem os processos e relações entre a fauna e o ambiente. A “catação”, para este grupo de pessoas, parece ser uma alternativa ocupacional, à qual recorrem em tempos de dificuldades. Comparada a outras atividades de pesca mais imprevisíveis, a catação do caranguejo durante as “andadas” pode ser considerada como uma estratégia de minimização de riscos, dada a pouca sazonalidade do recurso e a ocorrência em locais bem determinados.

Embora a comunidade apresente uma diversificada utilização de artes de pesca suas atividades estão concentradas no uso daquelas que representam menor investimento financeiro, são de fácil utilização e dispensam o trabalho associativo.

BIBLIOGRAFIA

Aguiar Jr. T.R.; Dias, E.J. dos R. (2007) – Comunidades litorâneas afetadas pela pesca com explosivos na Baía de Todos os Santos – BA: uma análise da condição sócio-econômico-ambiental. Candombá - Revista Virtual, 3(1):40–44. ISSN: 1809-0362. Disponível em <http://www.fja.edu.br/candomba/2007-v3n1/pdfs/EduardoJoseReisDias2007v3n1.pdf>

Alongi, D. M. (2002) – Present state and future of the world's mangrove forests. *Environmental Conservation*, 29(3):331–349. <http://dx.doi.org/10.1017/S0376892902000231>

Bahiatursa / Instituto Ecotema (2000) – Zoneamento ambiental e diretrizes de uso. Relatório final. Área de Proteção Ambiental da Península de Marau. Prefeitura Municipal de Marau, Marau, BA, Brasil. http://www.imoveituristicos.com/relatorio_apa.pdf

Brunet, J. M. S. (2006) – Aratus, caranguejos, siris e guaiamuns, animais do manguezal: Uma etnografia dos

saberes, técnicas e práticas dos jovens da Comunidade Pesqueira de Baiacu – Ilha de Itaparica (BA). 163p., Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil. <http://www.ppgefhc.ufba.br/dissertacoes/joana2003.pdf>

CEPENE; CEPNOR (2000) – Informes estaduais. Relatório da reunião técnica sobre o estado da arte da pesquisa e ordenamento da cata do caranguejo-uçá no Norte e Nordeste do Brasil. 73p., MMA / IBAMA / CEPENE / CEPNOR. Tamandaré, BA, Brasil.

Constanza, R.; D'Arge, R.; De Groot, R.; Farber, S.; Grasso, M.; Hannon, B.; Limburg, K.; Naeem, S.; O'Neill, R.V.; Paruelo, J.; Raskin, R. G.; Sutton, P.; Van Den Belt, M. (1997) – The value of the world's ecosystem services and natural capital. *Nature*, (387):253-260. <http://dx.doi.org/10.1038/387253a0>

Dahdouh-Guebas, F.I.; Van Pottelbergh, J.G.; Kairo, S., Cannicci, N.; Koedam, N. (2004) – Human-impacted mangroves in Gazi (Kenya): predicting future vegetation based on retrospective remote sensing, social surveys, and distribution of trees. *Marine Ecology Progress Series*, 272:77-92. <http://dx.doi.org/10.3354/meps272077>

Day, J. W.; JR, W. H., Conner, F.; Ley-Lou, R. H.; Day A. N.; Machado, A. (1987) – The productivity and composition of mangrove forests, Laguna de Terminos, Mexico. *Aquatic Botany* 27(3):267-284. [http://dx.doi.org/10.1016/0304-3770\(87\)90046-5](http://dx.doi.org/10.1016/0304-3770(87)90046-5)

Fieldman, P. (2001) – Manguezais do rio Santana, Ilhéus, Bahia: caracterização do sistema. *Revista de Estudos Ambientais* (ISSN: 1983-1501), 3(1):86-94.

Hernández-Cornejo, R.; Koedam, N.; Ruiz Luna, A.; Troell, M.; Dahdouh-Guebas, F. (2005) – Remote sensing and ethnobotanical assessment of the mangrove forest changes in the Navachiste-San Ignacio- Macapule lagoon complex, Sinaloa, Mexico. *Ecology and Society*, 10(1):16. Disponível em: <http://www.ecologyandsociety.org/vol10/iss1/art16>

Kaplowitz, M. D. (2001) – Assessing mangrove products and services at the local level: the use of focus groups and individual interviews. *Landscape and Urban Planning*, 56(1/2): 53-60. [http://dx.doi.org/10.1016/S0169-2046\(01\)00170-0](http://dx.doi.org/10.1016/S0169-2046(01)00170-0)

Odum, W.E.; Heals, E.J. (1972) – Trophic analysis of an estuarine mangrove community. *Bulletin of Marine Science*, 22(3):671–738(68). Disponível em <http://www.ingentaconnect.com/content/umrsmas/bullmar/1972/00000022/00000003/art00007>

Oliveira, P.E. (2005) – A fragilidade da relação entre a diversidade biológica e cultural nos manguezais da Ilha de Sapinhos, no Município de Marau, Bahia. 91p., Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. <http://www.unbdcis.pro.br/publicacoes/PauloEduardo.pdf>

Ostrensky, A. e colaboradores GIA (2002) – Avaliação dos impactos causados durante a aquisição de dados sísmicos sobre organismos marinhos de interesse comercial. 111p., GIA – Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PA, Brasil. Não publicado. Disponível em: http://www.anp.gov.br/brnd/round9/round9/guias_R9/sismica_R9/Bibliografia/GIA-UFPR%202002%20-%20Relat%C3%B3rio%20Impacto%20da%20Sismica.pdf

Pacheco, R.S. (2006) – Aspectos da ecologia dos pescadores residentes na Península de Marau – BA: Pesca, uso de

- recursos marinhos e dieta. Dissertação de Mestrado, 68p., Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. Não publicado. Disponível em: [http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2195/1/2006_Rodrigo Stolze Pacheco.pdf](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2195/1/2006_Rodrigo%20Stolze%20Pacheco.pdf)
- Paixão, J.F.; Oliveira, O.M.C. de; Dominguez, J.M.L.; Coelho, A.C.D.; Garcia, K.S.; Magalhães, W.F. (2010) - Relationship of metal content and bioavailability with benthic macrofauna in Camamu Bay (Bahia, Brazil). *Marine Pollution Bulletin*, 60(3):474-481. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpolbul.2009.12.002>
- Pinheiro, M. A. A.; Fiscarelli, A. G. 2001. Manual de apoio à fiscalização do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*). 143p., Centro de Pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros do Litoral Sudeste e Sul do Brasil/IBAMA, Itajaí, Brasil,
- Schmidt, A.J.; Oliveira, M.A. e colaboradores (2006) – Plano de ação para o caranguejo-uçá em Canavieiras. 96p., Projeto ALMA – Ambientes Litorâneos da Mata Atlântica, Projeto Ecotuba, Ilha de Comandatuba, BA, Brasil. Disponível em: http://www.cepf.net/Documents/ecotuba_annex1.pdf
- SEMA (2008) – Preservar e recuperar o meio ambiente e sua sustentabilidade. 40p., Governo da Bahia, Secretaria Estadual de Meio Ambiente, Salvador, BA, Brasil. Não publicado. Disponível em: http://www.seplan.ba.gov.br/sgc/arquivos/20100302_121931_13_Diretriz13_MeioAmbiente_internet.pdf
- Silva, I.G. & Nascimento, D.M.C. (2009) – As razões da pesca com explosivos no mar do Subúrbio Ferroviário em Salvador, BA. Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Física Aplicada, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, M.G., Brasil. Disponível em: http://www.geo.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos_completos/eixo11/045.pdf
- Vasconcelos, J.L.A. (2008) – Biologia do caranguejo-uçá e perfis sócio-econômico e etnobiológico dos coletores em duas áreas de manguezais em Ilhéus, BA. Dissertação de Mestrado, PRODEMA, Universidade Estadual de Santa Cruz, BA, Brasil. 103p. Disponível em: http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/mdrma/teses/dissertacao_jussira.pdf

Tabela 1. Principais espécies-alvo utilizadas pela comunidade de Taipús de Dentro.

Table 1. Main target species used by the community of Taipús de Dentro.

CLASSIFICAÇÃO	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
MOLUSCOS	Chimbimbinha	<i>Tagelus plebeius</i>
	Lambreta	<i>Lucina pectinata</i>
	Ostra	<i>Crassostrea rhizophora</i>
	Sururu	<i>Mytella guyanensis</i>
CRUSTÁCEOS	Camarão rosa	<i>Farfantepenaeus</i> spp.
	Camarão branco	<i>Litopenaeus schmitti</i>
	Camarão sete-barbas	<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>
	Caranguejo-Uçá	<i>Ucides cordatus</i>
	Aratu	<i>Goniopsis cruentata</i>
	Siri	<i>Callinectes</i> spp.
PEIXES	Agulhinha	<i>Hemiramphus brasiliensis</i>
	Ariacó	<i>Lutjanus synagris</i>
	Caranha	<i>Lutjanus</i> spp.
	Carapeba	<i>Diapterus rhombeus</i>
	Cioba	<i>Lutjanus analis</i>
	Mero	<i>Epinephelus</i> spp.
	Robalo	<i>Centropomus</i> spp.
	Sardinha	<i>Sardinella brasiliensis</i>
	Tainha	<i>Mugil</i> spp.
	Vermelho	<i>Lutjanus</i> spp.
	Xaréu	<i>Caranx</i> spp.